



LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID

Maria Luisa Peclat ¹

Alexandra Pena ²

RESUMO

A vivência na Educação Infantil evidencia a importância do brincar, das interações e das experiências significativas como fundamentos essenciais para o desenvolvimento integral da criança. Dessa maneira, a experiência formativa vivenciada durante a atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na alfabetização, vem sendo realizada em uma escola da rede pública do município, e contribuindo para o acompanhamento das práticas pedagógicas a partir de um novo olhar: o de professora em formação. A prática é supervisionada pela professora da turma acompanhada e orientada por uma professora do Departamento de Educação da universidade, com apoio teórico-metodológico do material do Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil/LEEI (Brasil, 2016). A construção de práticas significativas de linguagem escrita, como o uso dos nomes próprios em atividades lúdicas, demonstrou crescimento na abordagem pedagógica da professora regente e no envolvimento das crianças. Ao longo do processo, são observadas práticas positivas, como a presença diária da literatura, extremamente relevante para o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil. Além disso, também são identificadas outras práticas, como a rigidez na correção da escrita e o uso da lógica de recompensa, que podem reforçar visões excludentes sobre a aprendizagem, indo na contramão das concepções de criança e de leitura e escrita na Educação Infantil presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e na Coleção do LEEI (Brasil, 2016). A formação continuada da professora tem se constituído como um aspecto decisivo para a transformação da sua prática, o que tem sido possível a partir da troca com as bolsistas do PIBID, uma vez que é, por meio da escuta e do respeito ao tempo das crianças, que se constrói um trabalho comprometido com a alfabetização como prática social desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, PIBID, leitura e escrita, alfabetização, formação docente.

INTRODUÇÃO

O brincar, as interações e as experiências significativas formam os fundamentos essenciais para o desenvolvimento integral da criança, conforme indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e as concepções do Projeto *Leitura e Escrita na Educação Infantil* – LEEI (Brasil, 2016). A literatura especializada em alfabetização na infância defende que a apropriação da linguagem escrita se dá em contextos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, mluisapeclat@gmail.com;

² Professora orientadora: Coordenadora do Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, alexandrapena@puc-rio.br





de vivência social, permeados por brincadeiras, diálogo e escuta atenta ao tempo da criança. Nessa perspectiva, o presente artigo relata a experiência vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizada em uma escola pública municipal, com foco no acompanhamento e na análise de práticas pedagógicas voltadas à alfabetização.

O estudo tem como objetivo compreender como a inserção de brincadeiras e a formação continuada de professores podem potencializar a alfabetização como prática social, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem escrita desde a Educação Infantil. A justificativa surge da necessidade de refletir criticamente sobre as práticas docentes, fortalecendo o papel da formação inicial e continuada para uma pedagogia alinhada ao respeito e à singularidade de cada criança.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e formativo, baseada na observação participante durante as ações do PIBID. A prática foi supervisionada pela professora regente e orientada por docente do Departamento de Educação da universidade, com suporte teórico-metodológico da Coleção LEEI. As atividades observadas incluíram propostas lúdicas com nomes próprios, mediação da literatura infantil e acompanhamento da rotina da turma.

Os resultados evidenciaram avanços significativos, como o maior envolvimento das crianças nas práticas de leitura e escrita e a ampliação da abordagem pedagógica da professora regente, que passou a incorporar a literatura de forma cotidiana. Entretanto, também foram identificados limites, como a rigidez na correção da escrita e o uso de recompensas, práticas que podem reforçar perspectivas excludentes de aprendizagem.

Conclui-se que a formação continuada da docente, fortalecida pelo diálogo com as bolsistas do PIBID, que transitam também por outras instituições escolares com a supervisão de outros professores, tem sido decisiva para a transformação das práticas de alfabetização, apontando para a importância de uma ação pedagógica que valorize a escuta, o tempo da criança e o brincar como eixo estruturante do processo de apropriação da linguagem escrita.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e formativo, fundamentada na perspectiva do campo como elemento constitutivo da construção do conhecimento. O estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de





Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola da rede pública municipal, com foco nas práticas de alfabetização na Educação Infantil.

Os instrumentos de coleta de dados compreenderam:

- **Observação participante**, com registros em diário de campo, possibilitando a descrição minuciosa de rotinas, interações e atividades pedagógicas;
- **Registros fotográficos** de espaços e materiais, utilizados apenas como recurso de análise interna, com a devida autorização da instituição, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990)
- **Conversas informais e escuta** com a professora regente, orientadora do PIBID e demais membros da equipe escolar, sem caráter de entrevista estruturada, mas fundamentais para compreender o contexto e as intencionalidades pedagógicas;
- **Reuniões quinzenais** para o compartilhamento das experiências nas três escolas que são acompanhadas pelas bolsistas no PIBID.

A análise dos registros da pesquisa foi conduzida a partir das concepções de alfabetização construídas coletivamente ao longo das experiências formativas no PIBID, com respaldo teórico nos materiais e discussões mediadas pela professora orientadora. As oficinas, as práticas em sala e as reflexões realizadas durante os encontros do grupo foram fundamentais para a consolidação dessas concepções, permitindo observar e compreender como o uso de atividades lúdicas, de leitura e de escrita se articula às práticas e concepções do Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil – LEEI (Brasil, 2016).

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo das contribuições de Maurice Tardif (2013), compreende-se que a formação docente é um processo histórico e contínuo, no qual o ensino evolui de um ofício vocacional para uma profissão intelectual e reflexiva. Para o autor, a profissionalização do ensino vem do reconhecimento do professor como sujeito que produz saberes a partir da prática, articulando a experiência com o conhecimento científico. Essa concepção dialoga diretamente com o PIBID, que possibilita a construção do docente visando a reflexão, a observação e no diálogo entre teoria e prática.

No que diz respeito à alfabetização, a leitura e a escrita na Educação Infantil, as reflexões de Patrícia Corsino (2021) e Mônica Baptista (2010) reforçam que alfabetizar não é aplicar métodos ou receitas prontas, mas garantir o direito das crianças de viverem experiências significativas com a linguagem. Corsino destaca que a alfabetização precisa





respeitar o ritmo e o interesse das crianças, integrando-se às brincadeiras, às conversas e ao cotidiano. Baptista, por sua vez, enfatiza que o direito à linguagem escrita na primeira infância está ligado ao reconhecimento das crianças como sujeitos culturais e produtores de sentidos. Assim, o trabalho pedagógico deve ser de promover o acesso às formas de leitura do e no mundo, tornando o aprender a ler e a escrever um processo prazeroso.

Por fim, as discussões trazidas por Sonia Kramer (2012) em “‘Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar’: as crianças, as professoras e o currículo” contribuem para problematizar a permanência de práticas conservadoras e autoritárias ainda presentes nas instituições de Educação Infantil. Kramer convida à reflexão sobre que tipo de prática social e de infância está sendo construída quando o ensino se ancora em modelos rígidos, pouco dialógicos e distantes das experiências reais das crianças.

Desse modo, este referencial teórico sustenta a idéia de construir uma escola que reconhece as crianças como protagonistas de sua aprendizagem e os professores como profissionais reflexivos, críticos e comprometidos com a transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros e reflexões produzidas ao longo das vivências no PIBID permitiu a construção de três eixos principais de resultados, que mostram desafios e aprendizados observados nas práticas pedagógicas das escolas parceiras. Esses eixos buscam entender como a formação continuada dos professores, a introdução da leitura e da escrita na Educação Infantil e a permanência de práticas tradicionais refletem concepções de alfabetização e de infância que estão presentes no cotidiano escolar.

1. Formação continuada

As formações e oficinas desenvolvidas ao longo do projeto mostraram que a formação continuada não se resume à atualização de métodos, mas é um processo de construção identitária e profissional que se dá no cotidiano da escola, nas trocas e nas experiências. No entanto, observou-se que nem sempre essas formações resultam em transformações efetivas nas práticas pedagógicas, o que evidencia a necessidade de um acompanhamento mais reflexivo e colaborativo.

Nesse sentido, Maurice Tardif (2013) ajuda a compreender a importância da formação docente quando estuda a trajetória do ensino: de uma atividade entendida como vocação,





passando pela idade do ofício, até chegar à busca pelo ofício da profissão, que requer uma formação universitária sólida e de alto nível intelectual. Para o autor, a profissionalização docente deve reconhecer o professor como um intelectual que produz saberes a partir de uma prática e que precisa de condições para aprimorar seu trabalho.

No espaço do PIBID, isso se manifesta na prática docente que está constantemente transversalizada pela interação entre o seu saber teórico e a real vivência e as situações vividas no cotidiano escolar. Um lugar onde o professor vai aprender de forma mútua com o seu aluno, assim, mais do que atualizar métodos, a formação continuada se faz como um processo de reconstrução profissional e humana.

Ao longo das vivências no programa, em concordância com o que vem sendo exposto, foi possível observar e vivenciar momentos em que a prática e a aprendizagem mútua se mostram de forma significativa. Enquanto bolsistas, tivemos a oportunidade de levar para a sala de aula os conhecimentos construídos na teoria e nas leituras realizadas, experimentando como esses saberes se mostram nas realidades do cotidiano escolar. No entanto, aprendemos também que nem sempre o planejamento ocorre como previsto, exigindo a capacidade de adaptação diante dos desafios que surgem. Um exemplo disso foi quando planejamos juntamente com a professora uma visita cultural para a realização de um piquenique literário no Planetário próximo à instituição e, por falta de autorizações, precisamos reorganizar a proposta dentro do espaço da própria escola. Ainda assim, conseguimos preservar a essência da atividade, criando um momento de troca de histórias, leituras e vivências literárias de maneira criativa e envolvente.

2. Leitura e escrita na Educação Infantil

As observações nas turmas da Educação Infantil evidenciaram que a leitura e a escrita devem ser abordadas de maneira leve, cotidiana e significativa, sempre articuladas ao brincar, às interações e à curiosidade das crianças. A alfabetização, nesse sentido, não se torna uma etapa de escolarização adiantada, mas uma experiência de linguagem viva e contextualizada.

Patrícia Corsino reforça que a alfabetização “não tem receita, mas tem princípios” e esses princípios se relacionam à escuta das crianças, ao respeito por seus ritmos e à valorização de situações de leitura e escrita com sentido social. Já Mônica Baptista defende o direito das crianças pequenas ao contato com a linguagem escrita como parte de seu direito à educação, compreendendo que o acesso à escrita é também um acesso à cultura e à participação social.





Assim, o brincar com as palavras, as cantigas e as narrativas são como caminhos de inserção da criança no mundo letrado, reafirmando o compromisso da Educação Infantil com o desenvolvimento integral e com o prazer de aprender.

Práticas que mostraram ou auxiliaram o processo de leitura e a escrita no cotidiano das crianças no PIBID, foram, por exemplo, a oficina de música realizada que proporcionaram a nós, bolsistas, práticas significativas que puderam ser levadas às crianças, fortalecendo o vínculo entre brincadeiras e aprendizagem. Essa experiência fez repensar o papel da música no cotidiano da sala de aula e como ela pode transformar momentos rotineiros em oportunidades de aprendizagem cotidiana. No início da trajetória no programa, foi vivenciada também uma situação em que, a partir de uma prática mais rígida, foi buscado incluir uma abordagem mais lúdica: a turma utilizava da melodia do “pampampamrampam pam pam” para conquistar o silêncio. Refletindo sobre o contexto em que a turma estava, de aprendizagem das vogais, propus integrar esse conteúdo à prática das crianças. Assim, transformamos a rotina em um momento de aprendizado divertido: a professora ou um aluno iniciava o canto e as demais crianças respondiam com a vogal correspondente, como “pepeperepe” e o grupo repetia “pe pe”. Dessa forma, o que antes era apenas uma estratégia de disciplina passou a ser também um recurso que uniu ritmo, linguagem e participação ativa.

3. Práticas tradicionais e o papel da escola

A experiência também revelou que práticas conservadoras ainda persistem em muitos contextos escolares, baseadas na rigidez, na correção e na lógica de recompensa. Essas práticas, embora às vezes funcionem, em termos de controle, distanciam a escola de seu papel de formação humana e crítica.

A leitura do artigo “Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar” de Kramer (2012) oferece um olhar sensível para essa reflexão. Kramer (2012) destaca que o grito, literal e simbólico, é resultado de uma escola que não escuta, que silencia as crianças e as professoras, e que transforma o cotidiano em repetição e desgaste.

A observação das práticas revelou que, quando o brincar e a escuta são substituídos pela pressa e pelo controle, perde-se o sentido educativo do trabalho. No entanto, também se percebe o potencial transformador da formação quando há espaço para o diálogo e o reconhecimento das professoras como sujeitos de saber.

Com base nas concepções sobre as práticas tradicionais e uma educação voltada à real participação das crianças, foi possível observar, durante o campo do PIBID, duas narrativas





distintas nas práticas de duas das professoras acompanhadas. Ambas apresentavam semelhanças no que se refere a métodos mais conservadores, marcados pelo controle excessivo do comportamento das crianças, pela exigência constante de silêncio, inclusive durante os momentos de leitura, e pelo uso frequente de repreensões e recompensas. Práticas, ainda que bem-intencionadas, acabam limitando a autonomia e a autoconfiança das crianças.

O que diferenciou essas duas professoras, entretanto, foi a abertura à mudança. O espaço de trocas e reflexões proporcionado pelo PIBID possibilitou que uma delas repensasse sua prática e passasse a adotar estratégias mais participativas, alinhadas a uma concepção de criança ativa, curiosa e protagonista de sua aprendizagem. Já a outra docente manteve-se mais resistente a essas transformações, o que, em certa medida, também inibiu a atuação das bolsistas na proposta de novas metodologias voltadas ao trabalho com leitura e escrita.

Os resultados apontam que o desafio da formação docente e da transformação das práticas não reside apenas na oferta de cursos ou oficinas, mas na construção de espaços de escuta, diálogo e coautoria entre professores, bolsistas e coordenação. Assim, reafirma-se que a formação continuada e as práticas de alfabetização na Educação Infantil devem estar comprometidas com o desenvolvimento integral da criança e com uma pedagogia que valorize a experiência, a cultura e o brincar como caminhos legítimos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho reafirma a relevância do PIBID como espaço formativo essencial para a constituição docente. A inserção no cotidiano da escola pública permitiu compreender que a prática pedagógica é construída em movimento, entre acertos e desafios, e que o aprendizado se dá tanto na observação quanto na ação compartilhada com as professoras e as crianças. A vivência possibilitou reconhecer que a docência não se resume à aplicação de métodos, mas envolve sensibilidade, escuta e constante reflexão sobre o papel social da escola e do professor.

Os resultados apontam que a transformação das práticas pedagógicas não ocorre de maneira imediata, mas exige tempo, diálogo e disposição para mudança, tanto por parte das docentes quanto das bolsistas. A formação inicial, quando aliada à formação continuada, cria pontes entre teoria e prática, permitindo a construção de um saber docente que é coletivo, crítico e comprometido com o direito das crianças de aprender em contextos significativos e humanizados.





Ao nos aproximarmos do encerramento deste ciclo no PIBID e prestes a vivenciar a próxima etapa, voltada ao Ensino Fundamental nos anos iniciais, surge um sentimento de expectativa e entusiasmo. A nova fase representa não apenas um novo campo de observação, mas também uma ampliação das possibilidades de atuação e reflexão sobre as práticas de alfabetização e letramento em diferentes contextos. Espera-se que as aprendizagens construídas na Educação Infantil sirvam para um olhar mais sensível, criativo e crítico.

Por fim, o PIBID se mostra como uma oportunidade única de inserção e construção da identidade docente no âmbito escolar. Ele possibilita o contato real com as complexidades da sala de aula, a articulação entre o conhecimento teórico e o vivido, e o desenvolvimento de uma postura investigativa e reflexiva diante dos desafios da educação pública brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, minha mãe Maria e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho. Em especial, à minha professora orientadora, Alexandra Pena, pelo apoio, pelas correções e pelo incentivo constante à pesquisa e ao pensamento crítico, principalmente no campo do PIBID. Agradeço também às minhas colegas bolsistas, pelas trocas de idéias e pelo trabalho em equipe iniciado a mais de um ano, que enriqueceram e enriquecem minha aprendizagem em cada reunião. Aos meus pais e irmãos, que apesar de todas as dificuldades, me apoiaram em cada momento, aos meus amigos, por toda a ajuda e apoio durante este período da minha formação acadêmica. Por fim, reconheço os materiais consultados, fundamentais para a construção deste artigo.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. *A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil*. 9 v. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 18 dez. 2009. p. 18.





BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

CORSINO, Patrícia. **Alfabetização não tem receita, mas tem princípios**. p. 3. 2021.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; BAPTISTA, Mônica Correia; CORSINO, Patrícia. PROJETO LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 19, p. 1–16, 2023.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 124, p. 551-571, abr./jun. 2013.

KRAMER, Sonia. **Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões**. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia. **Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar: a crianças, as professoras e o currículo**. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; VILELA, Rita Amélia; SALES, Shirlei Rezende. (org.). *Desafios contemporâneos sobre o currículo e a escola básica*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2012, v.1, p.39-51.

